

# JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

## MODAS.



Amaveis leitoras, bem quizeramos poder dar-vos detalhadas noticias sobre a moda mas a fonte, onde as bebemos, que é Pariz, está nesta quadra do anno quasi secca e nenhuma novidade saliente offerece, não se divulgando o menor segredo quanto ás modas da proxima estação, pois que essas graves questões discutem-se no mysterio e ainda não estão resolvidas. Eis o pouco que podemos colher.

Usão-se bastante os lindos fichús á *Marié Antoinette* para trazer com vestidos de corpinho decotado. Estes fichús são cobertos de muitas ordens de renda, alternadamente separadas por crespos em fitas: são de extrema distincção.

Estão em voga os estofos de listras largas de que ha grande numero e entre elles se achão alguns com desenhos tecidos; depois os vestidos de folhos orlados de franjados inherentes á mesma fazenda; em seguida bellas nobrezas e tafetás de phantasia, mui variadas e emfim disposições particulares para vestidos de *soirée* ou de corte, representando uns, frescas grinaldas, outros, ramos destacados ou

altas pyramides que atravessão toda a saia.

Os bellos manteos para *toilette* de cerimonia são, pela mór parte, em veludo preto bordado, guarnecido de renda ou de grandes franjados em guipure e vi-drilhos.

A par das magnificas cachemiras da India, vê-se lindos chales compridos de phantasia, uns de listras largas de uma só cor sobre campo lizo, em lã, outros em pellucia de listras largas formadas de desenhos turecos de cores vivas e brilhantes, que produzem um effeito maravilhoso.

Fazem-se pequenos chales quadrados d'ouros cercados de alto folho os quaes são ao mesmo tempo de uma graça e de uma riqueza de desenhos incomparavel.

Graças ao progresso a que se tem chegado no fabrico das rendas de Cambray, todas as senhoras, sem distincção de fortuna poderãõ ter elegantes *toilettes*, sem serem obrigadas a enormes despezas.

O fichú Camponcza, para trazer com vestido decotado, faz-se o corpo em filó branco lizo cercado de alta blonde domi-

nada de um pequeno crespo simples em fita branca : no meio do fichú acha-se uma segunda ordem de blonde e por conseguinte sobre o pé outro crespo, sobre cada espádua um laço.

O fichú Luiz XIII, faz-se de filó preto ou branco guarnecido de renda; é de ponta atrás e sobre cada hombro, adiante cruza-se e tem longas abas que se prendem debaixo do braço. Em filó preto guarnecem-o de duas ordens de veludo de tres dedos e de duas ordens de renda, que deve ornar tambem as abas de cada lado. Póde ser afogado, ou decotado á von-

tade. Escolhe-se de preferencia a renda de Cambray afim de que não suba a um custo muito elevado.

Os fichús Luiz XIII, em renda branca, são ornados de muitas ordens de crespos de fita em lugar de veludos.

Os corpinhos dos vestidos, fazem-se todos mui ornados.

Os chapéos conservão-se de copa redonda e chata; mas como a moda é singularmente phantastica e caprichosa em nossos dias, decido que se não abandonaria por isso as fórmãs fugindo.

### DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéu de tafetá guarnecido de veludo, bifonde e flores.

Chale e vestido de nobreza guarnecido de veludos e de crespos.

Corpinho chato afogado e abotoado adiante.

Cintura baixa e bem apertada.

Mangas com tres folhos.

Cinco folhos na saia.

O chale fórmã ponta atrás; é simples e o franjado é posto em duas ordens de maneira a fingir um duplo chale.

VESTUARIO DE MENINA. — Modesta e submangas em mousseline bordada.

Vestido de tafetá guarnecido de pequenos veludos, de veludos largos e de franjado.

O corpinho é aberto em coração atrás e adiante e orlado por um suspensorio e retido por travessas em veludo com um pequeno laço no centro.

As mangas formão dous entufados e dous folhos.

A parte inferior do corpinho fórmã vasquinha fazendo canudos.

A saia tem tres folhos partindo o primeiro da cintura.

VESTUARIO DE MENINO. — Blusa-tunica em veludo preto, presa por um cinto, mangas alargando para baixo com canhão fingido.

Presilhas de prender em veludo de cor clara.

### CHRONICA DOS SALÕES.

Ora, emfim leitoras, parece que a escassez de factos do meu ministerio vai cessar, convertendo-se em um centro de movimento mais activo ainda do que o espirito *patriotico e escrupuloso* de alguns dos nossos ministros de estado em vespéras de eleições!

Com effeito, as fracções do mundo elegante que se achavão dispersas pelas *chacaras* e *eminentias* afastadas da cidade, vão-se chegando sorrateiramente e tomando um lugar nos assentos ha tanto tempo abandonados dos nossos salões; essas fracções essenciaes que completão o collectivo do grande tom vem desassombradas reunindo-se sob os perfumados tectos dos recintos em que a sociedade culta representa o grande drama dos seus passatempos e distrações, e o corpo da nossa elegante socie-

dade não tardará muito que esteja completo e prompto a entrar em liça.

Eu estimo que o negocio assim seja por duas razões cardeas, a saber: *primo* porque entro nos *meus geraes* e tenho com que me distrahir; *secundo* porque havendo factos, e por consequencia origem para commentarios, não me será tão facil commetter uma *synalefa* deixando as minhas amaveis leitoras com uma semana em branco, apezar de que nem sempre o escriptor ou escriptora deixa de escrever porque nada houve digno de menção — ha episodios, minhas amigas, ha factos tão acima do commum, tão fóra do trivial que ainda com a melhor penna e tinta, e com a melhor boa vontade, não se póde desenhar uma linha, escrever uma phrase.....

Ha casos mesmo em que é um supplicio o esforço que se procura fazer para expender as scenas e os transportes sublimes de que é susceptível o nosso sensualismo: umas vezes a magnificencia de um monarcha illustrado perdoadando um crime, ou salvando Mas garras do poderoso uma victima de sua ambição e prepotencia illegitimas, ou enxugando o pranto ao desvallido que debalde pede aos administradores da justiça a desaffronta dos seus direitos e garantias; outras vezes o rasgo arriscado e destemido de um amigo dedicado, ou a vehemência desmesurada de uma paixão, ou os arroubos da imaginação momentaneamente venturosa, agitando-se convulsiva na falsa e voluptuosa idealidade de um sonho que não se realisa, são na realidade factos ou passagens que suspendem a alma ás regiões que ella não conhece e tohem o uso da palavra.

As grandes dôres, disse já um philosopho, são mudas. Quereis interrogar um infeliz que tocou a méta do desespero? Não. lhe falleis, porque elle não vos responderá. Passai um olhar rapido pela sua physionomia; que é o verdadeiro espelho onde se reflectem todos os transtornos e paixões da alma, e então podereis aquilatar mais ou menos approximadamente o grán de soffrimento que o devora.

Quando a ventura toca ao seu zenith, quando o poeta exaltado, com a imaginação abrazada por accendidas chamma, sonha fruir o objecto favorito dos seus pensamentos, de seus zelos, de suas sollicitudes; quando esse homem ou esse ente goza em sonhos uma felicidade suprema que elle anheia possuir na realidade, quando essa felicidade não tem para elle mais que um sorriso ephemero que lhe foge quando este lhe estende a dextra de amor convulsa ou quando de perto lhe acena e depois foge, nada pôde dizer do conflicto em que ferve a sua mente escaldada, o seu coração encande-

cido; — então ergue-se e apenas balbucia lamentando a sua desdita:

« Sonhei d'licias, venturas, sonhei tudo...  
Mas ébrio de prazer tornei-me mudo! »

Assim, já vèdes que na ausencia da epidemia e de factos muito extraordinarios, ser-me-ha menos difficil discorrer sobre a agitação dos salões e pôr-vos em dia a respeito do que occorrer; e o mais é que julgo não me faltarão assumptos nem motivos, pois em breve temos um passeio na nossa bahia offerecido pela sociedade denominada o *Club Recreio Maritimo*, que bem conheceis e que tão gratas e doces reminiscencias nos deixou impressas no coração. Que bello! Nunca passei dia mais divertido, nunca me entreguei á embriaguez de prazer mais completa! Tomára que chegasse já o dia, e então vos prometto que nada ha de escapar á minha analyse e observação, sobretudo no que concerne á fina educação e maneiras em extremo delicadas e attentiosas dos cavalheiros que formão aquella corporação.

A proposito; já visteis algum dia mais entusiasmo e delirio do que na noite de terça-feira no beneficio de M.<sup>mo</sup> Charton? Aquillo está bem longe de ser um beneficio, foi antes uma ovação louca e espontanea aos altos merecimentos da artista que tantos admiradores soube conquistar!

Dizem que fóra dada em casa dessa artista, uma grande ceia ás cohortes que a acompanhavam victoriando-a; como lá não estive, não vos posso dizer o que se passou nessa hora dentro do palacio illuminado a *giorno*. Mas não pude levar á paciencia: que uns moços menos pensadores andassem atraz da actriz fazendo algazarra quando esta se dirigia aos camarotes; fazião tal motim nos corredores que parecia um dia de juizo!

Adens, até domingo.

Alina.

## O POBRE MATHEUS.

(Continuado do n. 50.)

XIV.

Pariz, 3 de agosto.

« Meu amigo. — Prescindi de esperar resposta vossa para continuar a participar-vos do que vai occorrendo: quero fallar-vos de venturas, e pois não vos assusteis ao passar os olhos pela primeira linha da presente missiva.

« Ventura, felicidade! disse eu: ousei traçar os caracteres que representão esse grande vocabulo, vocabulo extravagante cujo verdadeiro sentido tenho debalde procurado até hoje. Esse sentido, achei-o porque experimento em minha essencia de sua significação: sou feliz, possuo o que desejo porque nada mais desejo além

do que possuo, sendo o que possuo tudo quanto podia apetecer. Ah! meu amigo, é preciso ter sido desgraçado para se poder apreciar o sublime da felicidade! Vós que nunca soffrestes, comprehendereis o grito de alegria que vos envio?

(Aqui o Sr. de Chailleis fez uma pausa levando a mão ao coração, e mentalmente perguntou a si proprio se elle jámais teria soffrido; continuou depois).

« Ha algum tempo que augmentou muito a minha intjmidade com os Villeneuve; passo regularmente todas as noites em companhia delles, eu em casa jogando, tendo eu conversando, ou vamos passeiar ao jardim do Luxemburgo e aos boulevards visinhos. Hontem

fomos nos assentar no jardim do Luxemburgo para ouvirmos as marchas e symphonias que executava uma banda militar; o dia tinha sido abafado, porém uma brisa ligeira que soprou à noite fazendo agitarem-se as folhas dos antigos castanheiros, alagava docemente os hombros semi-nús sob o tãregue; eu estava de frente de Marie e sua mãe, com o olhar ebrio de prazer fito nos olhos da moça, com a mão tremula ao contacto das fitas dos seus enfiões, attento ao menor dos seus movimentos, inquieto ao menor dos seus gestos.

« Entretanto o sol entrava no occaso, a sombra começava a se espargir nas aleas do jardim, o passeio tornava-se deserto, todos se retiravam ao passo que nós achavamo-nos tão bem que nem nos lembrava de nos retirarmos. Todavia erguemo-nos quando o tambor da guarda tocou a retirada, e apesar de termos ainda bastante espaço de jardim a vencermos, atravessámo-lo com todo o vagar possível. Um velho amigo dos Villeneuve que tinha vindo se juntar a nós, dava o braço à Sra. Villeneuve, e eu era o feliz possuidor do braço de sua filha. Era a primeira vez, meu amigo, que aquelle braço se apoiava no meu; e pois, deixo-vos avaliar qual não seria a intensidade de minha emoção. Fiquei mudo, tremulo, sem poder marchar desembaraçado, perturbado esta tão visível que Marie não ponde deixar de perceber.

« Muito candida para comprehender a causa real desta mudança, todavia o seu coração não permaneceu insensível, porque ella me perguntou o que eu tinha; mas ao fazer-me esta pergunta ella mesma tremia e corava.

« Quiz responder à maviosa interpegação da moça, porém a minha resposta foi difficil e pouco satisfactoria, porque a minha compunctificara-me disse com uma expressão que jámais esquecerei:

— « Ter-vos-hei desgostado, Sr. Matheus?

— « Vós! Mil! », disse-lhe eu apertando o seu braço contra o meu coração em um transporte que não pude reprimir.

« Depois voltando immediatamente ao sentimento da realidade:

— « Talvez! disse eu com voz abafada.

« Marie abaixou a cabeça sem nada responder; e como receei tê-la offendida, continuei:

— « Não vos offendeis com este transporte de meu coração. Eu não tenho de que me queixar; não sou por ventura bem feliz?

— « Não, não sois feliz, continuou ella indignamente; eu tambem não o sou..

— « Eu o sei, respondi-lhe.

— « Não, não o sabeis. A minha desventura não está nas reminiscencias; o passado esvae-se e extingue-se; o presente e o futuro é que me atormentão.

« Pedi-lhe a explicação destas palavras,

— « Poderei dar-vos-a?

« E reflectindo um momento:

— « Sim, posso. O vosso peito é leal, comprehendes a minha lealdade, e espero que vos não prevalecereis della contra mim.

« Assurei-lhe então que tudo quanto me

dissesse, não seria capaz de alterar o meu juizo a seu respeito.

— « Não o ignoro, respondeu-me, e isso eu confesso, me faz tremer. Desejais a minha mão, eu sei, tinha má n'ò disse, e muitas vezes instou commigo para que me decidisse; se ainda não me decidí, não é porque outra outra esperança, não; é porque quero ter a faculdade de dizer àquelle a quem eu desposar: —

« Sois o unico no meu peito, no meu coração. »

« Isto era fallar como uma moça sensata, e em rigor eu me devia contentar com aquella franca declaração; mas o homem é mesmo assim, apenas consegue a realisação de uma esperança, a sua ambição o leva a conceber logo outras. Lembrei-me então que tres mezes antes ter-me-hia considerado muito feliz somente com ouvir metade das palavras que ella acabava de pronunciar.

— « Mas esse dia quando ha de chegar? perguntei-lhe tristemente.

« Na sombra, vi o seu rosto voltar-se para mim, e julguei ler no seu olhar uma expressão de censura.

— « Eu só vos havia de fallar nesse dia depois que elle chegasse, respondeu após um momento de silencio.

« Abaixei a cabeça e calei-me. Quiz ir adiante porque me tinha tornado exigente, mas não deixei de me capacitar que ella tinha razão.

— « ora bem, continuou alguns momentos depois como tendo seguido o curso das suas reflexões; ora bem, tendes grande imperio sobre o meu coração: sois bom.

« Que natural sublime, meu amigo, e como é superior ás outras mulheres! Em geral as mulheres não avalião os homens senão pelo seu exterior; tudo se reduz a que elles sejam bellos, que encantem, que seduzão.

« Para ella pelo contrario, o maior atractivo é a bondade. Tinha-vos comprehendido, conhecea-vos bem e por isso é que vos amava.

« Concebeis agora o meu jubilo?

« Parece-me que tenho direito a elle, porque possuo a qualidade que ella prefere. Já me não desanima o ser feio, o ser desenhado porque isso é uma superfluidade á seus olhos; uma alma bem formada, um coração amante é o principal; o resto não passa de um accrescimento que se pôde bem dispensar.

« E pois posso pretender, posso affagar esperanças.

« Esta idéa me inunda de prazer a alma, só penso nisto, é o unico objecto de meus sonhos.

« Meus trabalhos estão negligenciados ha já bastante tempo; agora em que ficarão?

« Meu paiuel de concurso não está adiantado; acabou-o-hei? Sim hei de o concluir, porém só para satisfazer a minha consciencia, e para não contrariar o meu protector. Vós bem me dizeis que eu não obterja o premio; mas que importa? Posso descejar ir á Roma, quando tenho hoje em Pariz tamanhos attractivos?

O Sr. de Chaleilles terminou esta carta, durante cuja leitura teve numerosas interrupções acompanhadas de movimentos de impaciência. O desprazer que a leitura da primeira carta lhe causara, tornou-se mais intenso ainda, chegando mesmo a experimentar um movimento de mau humor que não lhe era habitual. Perplexo tomava a pena para responder, começava vinte vezes sem jamais acertar, e incerto e dubio não sabia o que escrever. Finalmente abandonou a pena e a tinta, e sahio em procura de um hotel para atravessar o Nião; com este passeio tinha por fim escapar-se ou distrahir-se dos pensamentos que o preocupavão. Será necessario continuar com a correspondencia? dizia consigo o Sr. de Chaleilles. Elle é feliz, vai ser amado, se já o não é; é tudo quanto eu desejava, e tudo quanto eu quiz, não tenho que me queixar.

Não era a vaidade que assim fallava ao coração do Sr. de Chaleilles. A' um outro homem de natureza menos nobre e elevada do que a sua não seria de estranhar; porém o Sr. de Chaleilles, como nós já vimos, nada tinha de vaidoso, o seu mau humor não tinha uma causa desta especie. Entendeu que era um dever retirar-se, porque nunca teuciará desposar a Mlle. Villeneuve, porque não sentia por ella outra cousa mais que uma fraternal amizade.

Era, já não direi cioso, porém cubioso da felicidade que parecia preparar-se para Mathews? Não, porque elle proprio lh'a propozição; e não se arrependia de o ter feito. Como então se explicar isto? Não sei: ignoro tambem a solução que o Sr. de Chaleilles dava ás questões que lhe borbulhavam na mente enquanto continuava o seu passeio marítimo. Quando voltou para casa tomou ainda uma vez a pena, e em lugar de traçar as palavras familiares: « Meu amigo, » escreveu: « Mademoiselle. » Seria mera distração? Julgai-o vós, leitoras; eis a carta:

Mademoiselle.

« Obrei conforme os vossos desejos: inter-puz entre vós e eu uma grande extensão do oceano. Proceidi bem? Arrepende-me-hei um dia? Que importa! Apenas quiz deixar-vos a liberdade e o repouso, e hoje sei com verdadeira satisfação que os meus votos foram realizados. As reminiscencias infantis dos primeiros annos não devião, como eu estava certo, imprimir em a vossa alma uma lembrança duradoura; talvez nem já de nada vos lembrasseis.

« Bem; tudo passou; não fallemos mais nisso; fallemos antes de vós, da vossa proxima felicidade, de Mathews, esse nobre e digno moço áquem eu amo de todo o meu coração, e que impera sobre o vosso com todo o direito e liberdade.

« Antes a realidade do que o sonho: já devies estar fatigada de sonhar; abristes os olhos á verdadeira luz, e, do mesmo modo que eu, encontrastes nesse moço um complexo de dotes em extremo apreciavel: vós já o estimaveis;

restava dar um passo para o amar; no momento em que escrevo espero que já o tenhais feito. O Céu pois vos abençoê, porque ninguém melhor do que vós o merece. Mais tarde, permittir-me-heis que volte para junto de vós para vos offerecer uma mão amiga, e pôr á vossa disposição um coração grato eternamente. Adens, Mademoiselle, e passão os meus votos sinceros influenciar benignamente sobre os vossos futuros destinos.

Alfredo.

Esta carta foi dirigida a Mlle. Villeneuve, e no caminho cruzou-se com esta outra de Mathews:

Pariz, 13 de setembro.

« O que é de vós, meu amigo? Porque não me respondeis?

« Sou hoje completamente feliz, porém a idéa de que talvez estejais doente, ou o que ainda é peor, que não estejais contente de mim, me afflige ao ultimo ponto, me inquieta, me desespera. Sabei uma vez por todas, que não ha para mim verdadeira felicidade sem que della participeis. Quizeis a minha amizade sincera, absoluta exigente; perdestes-me com tanta bondade, aturai-me agora. Sim, meu amigo, estão removidos todos os obstáculos, vencidas todas as hesitações.

« Marie consentiu em ser minha mulher, sel-o-ha em breve.... se fôr do vosso gosto. E cumpre que deis o vosso assentimento, pois apezar de toda a minha negligencia e preguiça tenho de partir quanto antes para Roma: obtive o grande premio.

« Se a nossa união não se concluir antes da minha partida, serei obrigado a esperar um anno porque a familia Villeneuve não pôde ir á Italia. Não achais que é temeridade abandonar a assim sem mais nem menos por um anno? Entretanto a effectividade dessa união depende de vós, de vossa assistencia, condição estipulada por a propria Marie, e em que com todo o gosto concordei, porque do contrario seria fazer-lhe uma afronta e privar-me dessa ventura que eu anhele.

« Quando receberdes esta carta, onde quer que estejais, apromptai immediatamente as vossas malas e vinde. Sois aqui muito necessario; capacitai-vos que sem vós nada se faz, nada se fará; tendes em vossas mãos o fio da minha felicidade, se o destenderdes muito poder-se-ha romper. Até breve, que estou certo não faltareis. Por ora ainda uso assignar-me

« O pobre Mathews. »

A leitura desta carta impressionou vivissimamente ao Sr. de Chaleilles. Os sentimentos de affeição e de confiança que nella lhe erão testemunhados arrancarão-lhe lagrimas. O exame rapido e sincero de sua consciencia lhe demonstrou que elle tinha graves faltas a se ex-



probrar, faltas cuja origem elle ignorava, e que por isso mesmo as considerava como menos desculpaveis. Um instante teve a idéa de se accusar á Matheus; mas que lhe poderia dizer para explicar o seu silencio e o motivo injusto que o provocára? Era melhor reservar-se para mais tarde, para quando estivesse mais tranquillo. E' o que fez. Além disso tinha-se

logo' decidido a voltar para Pariz afim de acceder ao convite que lhe foi feito. Porque lhe causaria um allivio singular esta resolução? Porque se tornou mais calmo e sereno? Deixo ao leitor a decifração deste enigma: quanto a mim não a achei, ou melhor, se a achei não a quero manifestar.

( *Continua.* )

## POESIA.

### A VIDA.

I.

Dorme, dorme socegado  
Dos prazeres na doçura;  
Meigo anginho de candura,  
Fadou-te bem teu fado.

Emquanto dormes, creança,  
Deus protege o somno teu;  
Velam em torno de teu leito  
Os anginhos lá do Céu.

E' teu somno delicioso,  
Não n'ó turba máu sonhar;  
Não procures despertar  
Meu anginho' tão formoso.

Sê feliz, nessa doçura!...  
Dorme, dorme sem cuidados,  
Sonha sonhos bem dourados...  
Cá no mundo isso é ventura!

E quando o mundo deixares,  
O mundo que não é teu;  
Vive, vive, ó meu anginho,  
Que só se vive no Céu.

II.

E's tão joven!... inda não sabes  
Torturas que o mundo tem!  
Dorme, dorme enquanto o fado  
Fadar-te, meu anjo, bem.

Dorme, que assim és feliz;  
Dorme, que vives com Deus;  
Dorme, que se acordares  
Talvez não vejas os Céos...

Quem no mundo assim desperta  
Desses sonhos de ventura,  
Deixa prazeres divinos  
Por infernos de amargura.

Dorme, anginho, enquanto o fado  
Te fada bondoso-assim;  
Não procures despertar  
Nesse mundo tão ruim.

Mas, se o fado que é voluvel,  
Pôr maldoso se mudar  
Deixa o mundo, ó meu anginho,  
Vai com Deus nos Céos morar.

*Josefon.*

## VARIEDADES.

### EFFEITOS DA BOULIMIA.

Uma mulher Adrianna C.... moradora no faubourg Mont-mâtre, em Pariz matou-se ha poucos tempos por meio da asphyxia. A causa deste suicidio é bastante singular. Esta desgra-

cada soffria de uma fome continua, conhecida na medicina com o nome de *boulimia*, e foi porque lhe era impossivel ganhar bastante dinheiro para satisfazer inteiramente o seu appetite que procurou a morte. Ainda que os casos de *boulimia* sejam bastante raros, os annaes medicos contém

não obstante certo numero delles e, nós julgamos que não se lerá sem interesse dous dos mais notaveis, que vamos mui succintamente referir.

Ha alguns annos que foi recolhida á Salpêtrière uma rapariga chamada Anna Denise que em consequencia de uma queda tinha-se ferido no peito. Desde os primeiros momentos de sua vida, Anna Denise tinha espantado todo o mundo pela sua voracidade. Exauria as suas amas e comia mais do que quatro crianças da sua idade. Chegada aos dez annos deixou a escola, onde devorava o pão de todas as crianças: mais tarde ella mesmo abriu uma pequena escola, não exigindo por pagamento senão pão, de que consumia perto de 5 kilogrammos por dia. Antes de entrar para a Salpêtrière, onde recebeu os cuidados dos doutores Esquirol e Amosat, foi muitas vezes presa furtando aos padeiros pães que devorava no mesmo instante.

Anna Denise tinha diversas qualidades de fome; a sua fome ordinaria que se apasiguava com 6 kilogrammos de alimento em 24 horas: as suas fomes, que tinham logar tres ou quatro vezes por mez e durante as quaes comia do 14 a 15 kilogrammas de pão e a sua grande fome que teve logar durante cinco annos consecutivos e uma vez em sexta-feira santa por ter pensado no jejum. Era então que ella devorava em 24 horas 17 a 18 kilogrammos de alimentos. Nestes casos Denise limpava os dentes, segundo sua expressão indo a Glaciere mastigar herva que de ordinario digiria mui bem.

No curso do seu quadragesimo terceiro anno, no 1.º de Julho, tendo lido ao seu pasto favorito, colheu um cesto de hervas e botões de ouro (*franculetusis*) que comeu por ceia. Sobrevierão-lhe colicas violentas que em vão procurou acalmar e apesar dos cuidados do doutor Descuret chamado em seu soccorro, succubiu em algumas horas.

Esta mulher era de um talhe e disposição corporea mediores e de uma constituição imminutamente sanguinea. Deu algumas vezes dinheiro aos pobres, mas não nunca. A vista do ouro a sua probidade não se abalava; desfallecia porém diante de um pedaço de pão. Certo dia apesar de ter dinheiro consigo e pão na sua cesta, furtou um pão pertencente a um pedreiro e fugiu a toda a pressa: contou ao depois este facto a M. Descuret e perguntou-lhe se faria bem em mandar 3 francos aquelle pedreiro; o doutor approvou bastante a sua intenção e convidou-a a ajuntar um pão a essa remessa: a tal palavra encolerisou-se violentamente. «Mandar-lhe-hei, disse ella com uma voz commovida, 10 francos, 15, se quizerdes, mas nunca terá de mim um bocado de pão.» Em resumo póde dizer-se que esta mulher viveu essencialmente para a digestão. Alguns momentos antes de morrer, não podendo mais comer pão, obrigou sua irmã a comer por ella a sua parte dizendo: «Visto que o medico não quer que eu coma, quero ao menos ver comer.»

Para tornar a encontrar um exemplo tão curioso desta estranha exaltação de uma funcção vital precisamos remontar-nos aos fins do seculo XVIII. Nessa época florescia em Rochesson aldeia

encravada nos Vosges, a alguma distancia da magnifica cascata do Bouchot, João Jaques Claudon apelidado Fevat o Comedor. Era dotado de uma estatura collossal, de um temperamento robusto, de uma força herculea. O seu insaciavel appetito arruinava e penalizava a sua familia; di-lo-hião agulhoado pelo dardo de uma tenia. A sua reputação gastronomica percorreu toda a Lorraine e chegou até Luneville, onde se achava o Rei da Polonia Stanislão.

O principe quiz ver com seus proprios olhos este phenomeno e a 2 de Julho de 1651, por convite seu, o montanhês apresentou-se-lhe. Stanislão, que gostava de excentricidades, tinha nesse momento na sua corte o celebre anão Ferry-Bebé e o gigante Lambert, que tinha de altura sete pés e que se gabava de ser o homem mais forte do mundo: Para abater o orgulho deste ultimo os cortezaos propozerao a El-rei ajuntar os dous collossos em uma luta solemne. A prova teve logar effectivamente em presença de uma brilhante assemblea, mas os espectadores, que contavão com uma luta homérica ficarão cuganiados na sua esperança: ao cabo de alguns minutos Lambert pediu graça dando um grito de dor; tinha uma costella quebrada. El-rei disse ao vencedor que lhe fizesse saber o que queria por premio da sua victoria. O heroe vosgiano reflectiu alguns minutos e disse na sua má algaravia, dai-me tres saccos de favas: Stanislão sorriu-se e concedeu o pedido. De commum accordo decretou-se a Claudon o appellido de Fevat. El-rei propoz-lhe fazer levar os tres saccos de favas até á sua choupana, mas Fevat recusou e pediu somente que lhos ajudassem a pôr ás costas, depois do que sahio da cidade acompanhado por grande multidão.

Em Xermamenil, um escrupulo de consciencia o fez parar: El-vei, pensou elle, deu-me as favas, mas não me disse, se me fazia presente dos saccos; voltou e sempre carregado com o seu pesado fardo, apresentou-se a Stanislão: — Estava certo, disse-lhe o principe ao vê-o, que tinhas presumpção de mais das tuas forças; vou te dar uma condução. — Com licença, Senhor, se voltei é para saber se me fizestes presente dos saccos junto com as favas. — Certamente, respondeu Stanislão, que não pôde deixar do ri-se. Com a consciencia livre Jaques Fevat voltou para Rochesson: em tres semanas deu cabo dos 500 kilogrammas de favas.

Algum tempo depois, uns pescadores de Remiremont, reunidos junto da pittoresca aldeia d'Eloyes, sobre as margens do Moselle, examinavão um salmão monstruoso, pensando ao menos 10 kilogrammas, que um delles tinha tirado do peço de Ambien. Pela minha fé, exclamou o conquistador deste peixe phenomenal, dou-o a quem se atrever a comel-o todo em uma só comida. — Aqui estou eu, disse Fevat, que londreava por aquellas paragens e tinha ouvido essas palavras; áceito.

A experiencia teve logar publicamente em Remiremont no hotel do Cavallo de bronze, que a multidão atulhou. Os que não tinham podido entrar ficarão parados fóra; fizeram-se

numerosas apostas, a cidade achava-se dividida em dous partidos anhelantes de impaciencia. Feat, imperturbavel sentou-se á sua mesa solitaria em frente ao monstro que devia engulir. Partiu-o em vinte pedaços e metteu waos a obra. Os seus dentes não poupavão nem as barbatanas, nem as espinhas nem os ossos; no fim de meia hora não restava sobre a mesa vestigio algum do peixe, e o heróe olhava em torno de si como para procurar uma nova presa.

No anno seguinte em resultado de uma nova aposta, Feat achou-se com animo de devorar em uma comida um carneiro assado. Cumpriu a sua promessa, mas um osso que lhe ficou nas guellas pôz fim ás suas proezas, e antes que um cirurgião o pudesse socorrer, morreu de suffocação.

O MOINHO DO CEGO.

O — Jornal de Chartres assignala aos seus leitores um milagre de industria mais interessante, mais tocante mil vezes do que todas as maravilhas ostentadas no palacio da Exposição universal: é o Moinho do Cego, situado no logarejo de Oisème, perto de Chartres, moinho d'agua para fazer farinha de trigo, construido inteiramente, de alto abaixo por um moço completamente cego, e só por elle sem adjutorio de pessoa alguma.

Paredes, madeiramento, telhado, mercearia dos quartos, mesmo a escada do primeiro andar, a comporta, o escoadouro do moinho, a adufa, a roda, os eixos das dentaduras, os peneiros, em uma palavra toda a mechanica, fez tudo, tudo arranjou e assentou e o moinho anda e trabalha.

E' escusado dizer que a mobilia da habitação é producto da industria do cego. Quando a agua não vem ao moinho e que não ha remedio senão descansar, o moleiro torna-se em marceneiro e em um torno, por elle mesmo construido, faz toda a qualidade de utensis e chefes d'obra de pequenos moinhos de vento para crianças. Collado não ha differença para elle entre o dia e a noite porque não possui um relógio e elle mesmo diz, que se pudesse tocar em algum conseguiria fabricar um semelhante.

Note-se que vive só no seu estabelecimento, longe da sua familia e que por si mesmo faz todo o serviço da casa e da cozinha, pois sua mãe tendo mais outros quinze filhos não se pôde occupar com o cego, o qual no dizer della já está estabelecido.

Este pobre moço, que jamais aprendeu cousa alguma, que nada viu senão com a ponta dos dedos, é tambem um inventor notavel em mechanica. Em 1852 foi-lhe conferido um premio pelo Comício agricola do districto por uma ma-

china de sua invenção, de duplo cylindro, que ao mesmo passo que limpa o trigo separa o bello grão do mediocre.

Ainda ultimamente acaba de inventar e applicar ao seu moinho um mecanismo dos mais simples e dos mais engenhosos. Quando a agua está sufficientemente alta no leva-agua superior do moinho, um movimento de redouça determinado pelo peso da agua, levanta a-comporta, a agua corre e o moinho anda; baixa por ventura a agua, a comporta torna a cahir por si mesma e o moinho para.

Charadas.

Sobre a onda furiosa  
Voguei com carga pezada  
Mas sahi victoriosa  
Por mão divina amparada 2

Na garganta me aclará  
Por culpa minha herdada 1

CONCEITO.

Desejo clara leitora  
Que me encontre na charada.

C. V. F.

E' virtude que em minh'alma  
Tem mui longa duração 1  
E' mimosa flor de esmalte.  
Que tem grande estimação. 1

CONCEITO.

E se eu fora um só momento  
No correr da minha vida,  
Gozaria mil venturas  
Não me era sorte infida.

i. Rego,

A charada do n. 48 é *Camelia*; as do n. 50 são: 1.<sup>o</sup> *Collaborador*, 2.<sup>o</sup> *Beijo*, 3.<sup>o</sup> *Mayuelia*.

Acompanha este n.º 59 uma estampa com figurinos de passeio, menina e menino.

